



A mistagogia do ritual e do espaço litúrgico para o Sacramento do Batismo de crianças

The mystagogy of ritual and liturgical space for the Sacrament of Infant Baptism

*Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira**

PUCPR

*Vicente Artuso***

PUCPR

Recebido em: 24/05/2024. Aceito em: 13/07/2024.

Resumo: *Este artigo tem como objetivo aprofundar, mistagógicamente, o Ritual do Batismo de crianças, com a finalidade de, a partir dele, aurir elementos importantes para o seu espaço litúrgico-celebrativo. Trata-se de um olhar fenomenológico sobre o Ritual do Batismo de crianças, reformado a mandato do Concílio Vaticano II. Na verdade, este é o primeiro rito de batismo propriamente para crianças da história da Igreja. O rito manifesta a fé da Igreja naquilo que se realiza pela celebração sacramental. Princípio da fé cristã, a celebração batismal possui grande importância na medida em que é o fundamento da vida cristã e o começo da vida eterna. Mergulhar na ritualidade de um sacramento é aprofundar a fé posta em ato celebrativo. Quanto ao ritual do Batismo, reveste-se de especial interesse o fato deste sacramento possuir uma dinamicidade própria na realização de seus ritos expressa em diferentes procissões e nos seus polos celebrativos. Neste sentido, partir do rito do Batismo ilumina o espaço litúrgico que deverá comportá-lo e favorecer sua celebração. As fórmulas das orações, em especial, da bênção da água batismal, devem inspirar, ademais, a*

* Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade do Paraná, PUCPR, Curitiba, 2024). Especialista em Liturgia e em Arte Sacra e Arquitetura do Espaço Litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno, FASBAM, Curitiba, 2023).

E-mail: antonioep91039433@gmail.com.

** Doutor em Teologia Bíblia (Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007). Professor adjunto do Programa de Mestrado e de Doutorado em Teologia da PUCPR.

E-mail: vicente.artuso@pucpr.br.





iconografia do espaço litúrgico próprio do Batismo. Compreender o rito e o seu espaço celebrativo permite aprofundar o sentido teológico, litúrgico e espiritual do Sacramento do Batismo, neste caso, no seu Ritual para crianças.

Palavras-chave: *batismo; batistério; mistagogia; espaço litúrgico.*

Abstract: *This article aims to delve, mystagogically, into the Ritual of Infant Baptism, in order to derive important elements for its liturgical-celebratory space. It constitutes a phenomenological exploration of the Ritual of Infant Baptism, reformed at the mandate of the Second Vatican Council. Indeed, this is the first proper baptismal rite for infants in the history of the Church. The rite manifests the Church's faith in what is accomplished through sacramental celebration. As a fundamental principle of the Christian faith, the baptismal celebration holds great importance as it is the foundation of Christian life and the beginning of eternal life. Immersing oneself in the ritual of a sacrament is to deepen the faith expressed in celebratory action. Regarding the Baptismal ritual, it is of particular interest that this sacrament possesses its own dynamism in the performance of its rites, expressed in different processions and celebratory poles. In this sense, starting from the Baptismal rite illuminates the liturgical space that should accommodate it and promote its celebration. The formulas of prayers, especially the blessing of the baptismal water, should also inspire the iconography of the liturgical space specific to Baptism. Understanding the rite and its celebratory space allows for a deeper exploration of the theological, liturgical, and spiritual significance of the Sacrament of Baptism, in this case, in its ritual for infants.*

Keywords: *baptism; baptistery; mystagogy; liturgical space.*

Introdução

O espaço litúrgico nada pode falar daquilo que nele se realiza? O local onde se celebra o sacramento é puramente funcional? Para ambas as questões a resposta deve ser negativa, afinal “[...] o local da celebração é antes de tudo um lugar vivente – o da Páscoa –, um local no qual a fé vem morar” (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, 2015, p. 78). Neste sentido, é intimamente conexo mergulhar na teologia, no rito e no espaço litúrgico para o Batismo.

O Batismo é a porta da fé, o princípio da vida cristã. Por este sacramento, os seres humanos são incorporados a Cristo, tornando-se membros do povo de Deus, são purificados de todo pecado, livres do poder do mal e tornados novas criaturas, filhos adotivos do Pai (CaIC, 1213). “Em virtude do batismo, todos os fiéis participam da natureza sacramental e da vida da comunidade eclesial e da missão sacerdotal salvífica da Igreja” (Müller, 2015, p. 470).



A mistagogia do Sacramento do Batismo manifesta aquilo que nele se realiza, como afirma *Sacrosanctum Concilium* como critério para a reforma litúrgica: “Nesta reforma, os textos e os ritos devem vir a exprimir com clareza as realidades santas que significam, para que o povo cristão as perceba com maior facilidade, na medida do possível, e possa participar plena e ativamente da celebração comunitária” (SC, 21). É preciso superar a noção limitante de reduzir a celebração sacramental aos elementos estritamente necessários para sua validade. Afinal, “a liturgia não é somente um diálogo, [...]: Deus age e o povo adere. É por isso que a liturgia apela a cada passo para outros sinais, mais materiais que a palavra [...]. Exige atitudes corporais, comporta gestos, ações, utiliza coisas, ordena a disposição dos lugares, a confecção dos objetos e consagra-os” (Martimort, 1965, p. 177). É fundamental, por isso, valorizar todos os elementos celebrativos, compreendendo-os mistagogicamente e na sua inteireza celebrativa (Lelo, 2005, p. 119-120). Imergir no rito é imergir no espírito ritual-litúrgico do Sacramento:

“Que significa este rito?” é em definitivo a pergunta radical sobre o verdadeiro sentido da liturgia. A mistagogia é, em si mesma, a resposta que a Igreja, com sabedoria, sabe dar à pergunta de sentido acerca da liturgia, na medida em que a mistagogia é uma ponte essencial para a transmissão do verdadeiro sentido da liturgia. Porque é sobretudo a compreensão espiritual da liturgia a condição que torna possível a transmissão de seu sentido autêntico (Boselli, 2017, p. 30).

Neste artigo, parte-se da estrutura da celebração, em um olhar fenomenológico, do atual Ritual do Batismo de Crianças (RBC), reformado a mandato do Concílio Vaticano II (SC, 67), para abordar a mistagogia do espaço litúrgico próprio para o rito batismal. Afinal, “o sentido e a graça do sacramento do Batismo aparecem claramente nos ritos da sua celebração. Seguindo, com participação atenta, os gestos e as palavras desta celebração, os fiéis são iniciados nas riquezas que este sacramento significa e realiza em cada novo batizado” (CaIC, 1234).

Antes de tudo, é importante salientar que o Ritual do Batismo de Crianças apresenta como orientação que a celebração deste sacramento seja comunitária, de preferência, no domingo, dia em que os cristãos fazem memória da ressurreição de Jesus (Valentini, 1985, p. 39). Afinal, afirma Romano Guardini (1942, p. 43-44): “A liturgia não diz ‘eu’, mas ‘nós’ [...]. A liturgia não se apoia no indivíduo, mas na comunidade dos fiéis”. Além disso, “o batismo estabelece também um laço sacramental



entre todos, o qual liga entre si e com Cristo todos os que foram batizados” (Müller, 2015, p. 470). Ademais, o Batismo é participação na Páscoa do Senhor. Por meio dele, os neófitos são sepultados com Cristo e ressuscitados para uma vida nova (CaIC, 1213). Saliente-se, ainda, que não há nenhuma celebração batismal prevista no Ritual unida à celebração da Eucaristia. Portanto, unir a celebração dos batismos à Missa é uma adaptação possível do seu rito à celebração da Eucaristia (RBC, 29). O ideal é que os batismos aconteçam em uma celebração própria, no domingo, com a comunidade cristã. Recorde-se, entretanto, que pais, padrinhos e catequistas da Pastoral do Batismo já formam, em si, uma pequena comunidade. Unir o Batismo de crianças à Eucaristia dominical pode empobrecer a mistagogia do rito em sua riqueza mistagógica, afinal pode dificultar a dinamicidade da celebração expressa na seguinte orientação litúrgica: “na celebração do batismo, as partes do rito, que forem executadas fora do batistério, poderão realizar-se em diversos lugares da igreja, que acomodem melhor as pessoas presentes e correspondam às várias fases da liturgia batismal” (RBC, p. 19).

O ritual consta de quatro partes: 1) Ritos de Acolhida; 2) Liturgia da Palavra; 3) Liturgia Sacramental e 4) Ritos Finais. A partir das quatro partes do rito do Batismo de crianças, pode-se mergulhar na mistagogia deste sacramento e nas exigências e proposições para o espaço litúrgico-celebrativo nelas presentes.

1 Ritos de acolhida

Quanto possível, a celebração do Batismo de crianças se inicia à porta da Igreja, como local simbólico de acolhida na comunidade cristã (RBC, 33): “O valor simbólico, artístico e histórico da porta está diretamente relacionado a Cristo, porta das ovelhas (Jo 10,7). A abertura da porta principal da igreja, com suas folhas abrindo-se para o interior, manifesta o convite feito à comunidade: ‘Entrai pelas portas do Senhor, dando graças, e nos seus átrios com hinos de louvor’” (Estudo 113 CNBB, 36). Reflete, ainda, Guardini a respeito da porta no templo:

Frequentemente entramos por ela na igreja, e sempre nos diz algo. Percebemo-lo? [...] Olha; ao passar por este marco, te dizes interiormente: “Agora abandono as coisas de fora; vou adentro”. O de fora é o mundo, bonito, cheio de vida e de movimento, porém também não de pouca feiura e baixaza. [...] Pela porta entramos em um recinto separado da praça, silencioso e sagrado: o templo. [...] A porta está entre o exterior e o inte-



rior; entre a praça e o santuário; entre a pertença ao mundo e a casa de Deus. Ao atravessá-la, parece dizer: “Deixa fora o impróprio para este lugar onde entras: pensamentos, desejos, preocupações, curiosidades e coisas vãs. Deixa fora o que não é sagrado. Purifica-te, pois entras no templo”. Não deveríamos passar pela porta apressadamente. Com toda calma deveríamos atravessá-la abrindo o coração, para que se perceba o que ela nos fala. [...] Porém a porta nos diz algo mais. Observa como ao passar por ela involuntariamente levantas a cabeça e os olhos. [...] Aquele vasto templo simboliza a eternidade infinita, o céu onde Deus tem sua morada (Guardini, 1965, p. 49-50).

A porta recebe uma especial significação na celebração batismal que é, exatamente, entrada na igreja, na vida cristã. Será, ademais, recordação perene do batismo recebido: o batizado traçará, todas as vezes que passar pelo limiar da porta da igreja, o sinal da cruz recordando a graça do seu Batismo, porta da fé e princípio de sua vida cristã. Por isso é importante que a pia ou a fonte batismal, quanto possível, estivesse à porta da igreja ou, na sua ausência neste local, existisse uma pia de água benta à entrada, na qual os fiéis possam se perseguinarem ao adentrar ao templo.

No ritual do Batismo, após a saudação inicial (sinal da cruz e acolhida presidencial), inicia-se um diálogo espontâneo com pais, padrinhos e com a comunidade. Este diálogo pode seguir a orientação do próprio ritual. O diálogo se inicia com o pedido do nome da criança e pode possuir duas formas: “Queridos pais e mães, vocês transmitiram a vida a estas crianças e as receberam como um dom de Deus, um verdadeiro presente. Que nome vocês escolheram para elas?” (RBC, 35) ou “Assim como Jesus acolhia as crianças, também quero, em nome da comunidade, receber em meus braços os filhos e filhas de vocês. Cada uma dessas crianças é uma bênção de Deus para a humanidade” (RBC, 35). Esta apresentação à comunidade, dizendo o nome da criança e, quando as circunstâncias o permitirem, o presidente da celebração tomar as crianças nos braços é expressão do carinho de Deus e da Igreja na acolhida de seus novos filhos e deve ser valorizada na mistagogia sacramental. A comunidade pode aclamar batendo palmas ou dizendo: “Bendito seja Deus para sempre” (RBC, 37). Recorde-se, ainda, a importância de dizer o nome, afinal, ensina o Catecismo da Igreja Católica:

No Batismo, o nome do Senhor santifica o homem, e o cristão recebe o seu nome na Igreja. Pode ser o de um santo, isto é, de um discípulo que levou uma vida de fidelidade exemplar ao seu Senhor. O patrocínio do



santo oferece um modelo de caridade e assegura a sua intercessão. O “nome de batismo” pode também exprimir um mistério cristão ou uma virtude cristã. “Procurem os pais, os padrinhos e o pároco que não se imponham nomes alheios ao sentir cristão”. [...] Deus chama a cada um pelo seu nome. O nome de todo o homem é sagrado. O nome é a imagem da pessoa. Exige respeito, como sinal da dignidade de quem por ele se identifica. O nome recebido é um nome de eternidade. No Reino, o caráter misterioso e único de cada pessoa marcada com o nome de Deus resplandecerá em plena luz. “Ao vencedor [...] dar-lhe-ei uma pedra na qual estará escrito um novo nome, que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe” (Ap 2,17). “Olhei e vi: o Cordeiro estava sobre o monte Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil pessoas, que tinham inscrito na frente o nome d’Ele e o do seu Pai” (Ap 14,1) (CaIC, 2156-2159).

Em seguida, o presidente da celebração pede que os pais manifestem o desejo de que seus filhos sejam batizados. A pergunta “Queridos pais e mães, que pedem à Igreja de Deus para seus filhos e filhas?” (RBC, 38) não é apenas uma formalidade, mas verdadeira manifestação da consciência, da liberdade e da seriedade de pedir o Batismo e o desejo consciente de transmitir a fé àqueles que serão batizados. Esta consciência e este propósito se manifestam, então, pela resposta dos pais, dos padrinhos e da comunidade às interrogações feitas pelo ministro do Batismo. Dirigindo-se aos pais, interroga: “Pelo batismo estas crianças vão fazer parte da Igreja. Vocês querem ajudá-las a crescer na fé, observando os mandamentos e vivendo na comunidade dos seguidores de Jesus?” (RBC, 40). Dirigindo-se aos padrinhos, interroga: “Padrinhos e madrinhas, vocês estão dispostos a colaborar com os pais em sua missão?” (RBC, 41). Dirigindo-se à comunidade: “E todos vocês, queridos irmãos e irmãs aqui reunidos, querem ser uma comunidade de fé e de amor para estas crianças?” (RBC, 42). Estas perguntas e suas respectivas respostas devem demonstrar o vínculo comunitário e a responsabilidade assumida diante de Deus e da comunidade cristã reunida.

Após este diálogo inicial, aquele que preside, os pais, os padrinhos e, possivelmente, algumas pessoas da comunidade assinam com o sinal da cruz as crianças que serão batizadas: “Nosso sinal é a cruz de Cristo. Por isso vamos marcar estas crianças com o sinal do Cristo Salvador. Assim, N.N., nós os(as) acolhemos na comunidade cristã” (RBC, 43). Assinalar com o sinal da cruz, ao início da celebração batismal, manifesta a marca de Cristo que é impressa no novo cristão e significa, ainda, a graça da redenção adquirida na cruz do Senhor (CaIC, 1234).



Após o rito de acolhida, caso tenha sido feito à porta da igreja, faz-se uma procissão de entrada com o Círio Pascal, enquanto se canta um canto (RBC, 45). Esta procissão é concluída com uma das orações recitada por aquele que preside: 1) “Ó Deus, por vosso amor, participamos do mistério da paixão e ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo. Fortalecei-nos no Espírito Santo para que caminhemos na vida nova. Por Cristo, nosso Senhor” ou 2) “Ó Pai, que pelo batismo nos tornais participantes de vossa família, dai-nos receber de coração sincero vossa Palavra e vivê-la com alegria. Por Cristo, nosso Senhor” (RBC, 46). A primeira das orações salienta o sentido de início de caminhada que o Batismo tem na vida cristã, a segunda predispõe à escuta e à acolhida da Palavra de Deus que será proclamada unindo-a ao sentido do Batismo que torna os batizados participantes da família de Deus.

Dos ritos iniciais do sacramento do Batismo, quanto ao espaço litúrgico, é importante ressaltar a mistagogia da porta e do átrio, com elementos que comportem estes ritos (espaço, pia batismal ou de água benta, local para o Círio Pascal que será levado em procissão e estrutura sonora). O átrio, como espaço limiar entre o mundo e o sagrado, possui importante significado para os ritos iniciais do Batismo e para seu próprio significado enquanto imersão na vida de Cristo e na comunidade e início de participação na vida divina. Segue-se a Liturgia da Palavra.

2 Liturgia da Palavra na celebração batismal

Fazem parte da Liturgia da Palavra do Ritual do Batismo os seguintes ritos: proclamação da Palavra, homilia, oração dos fiéis e invocação dos santos, oração e unção pré-batismal. Ensina o Catecismo: “O anúncio da Palavra de Deus ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo. Na verdade, o Batismo é, de modo particular, o ‘sacramento da fé’, uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé” (CaIC, 1236).

Caso não haja a procissão de entrada, a proclamação da Palavra de Deus pode ser preparada por um canto ou refrão apropriado. Além disso, pode haver, também, a entrada da Bíblia de acordo com os costumes do local (RBC, 47). Na celebração batismal fora da Missa, escolhem-se uma ou duas leituras, que poderão ser recontadas, parafraseadas ou dramatizadas após sua proclamação, tendo sempre em consideração as condições da assembleia (RBC, 48). Canta-se um salmo responsorial e a aclamação ao Evangelho. Ademais, “enquanto se celebra a liturgia da



Palavra, convém que as crianças sejam retiradas para um lugar à parte. Veja-se, porém, que as mães e as madrinhas assistam à liturgia da Palavra; outras senhoras poderão entreter as crianças” (RBC, 14).

A Liturgia da Palavra no rito do Batismo de crianças é fruto da reforma litúrgica do Vaticano II, que recordou que nenhum sacramento pode ser celebrado sem liturgia da Palavra, afinal:

[...] o sacramento é a cristalização da Palavra, a sua visibilidade. [...] Na assembleia, as Escrituras proclamadas ressuscitam como Palavra de Deus que interpela uma comunidade de fiéis em escuta, de modo que elas se tornam palavra dirigida, proclamada, criadora de comunidade. Na liturgia da Palavra, Deus fala a seu povo e, conseqüentemente, dá origem a uma relação que forma, plasma, cria a comunidade, e isto é um evento (Boselli, 2017, p. 108).

As opções de leituras que poderão fazer parte da celebração batismal são em grande número. Versam sobre temáticas relacionadas ao sacramento: o chamado de Abraão, pai da fé (Gn 17,1-8), imagens prefigurativas da água batismal (Ex 17,3-7; Is 44,1-3; Ez 36,24-28; Ez 47,1-9.12), a aliança de Deus com seu povo (Dt 6,1-7; Jr 31,31-34), o carinho e o amor de Deus por Israel (Os 11,1b.3-4.8c-9), catequeses neotestamentárias sobre o Batismo e a incorporação à comunidade (Rm 5,1-2.5-8; Rm 6,3-5; Rm 8,28-32; 1Cor 12,12-13; Gl 3,26-28; Ef 1,3-10.13-14; Ef 4,1-6; Ef 5,8-14; Tt 3,4-7; 1Pd 2,4-5;9-10), a instituição do Batismo por Jesus (Mt 28,18-20; Mc 16,15-16.19-20), a relação do batismo de João recebido por Jesus e o batismo cristão (Mc 1,9-11; Jo 1,29-34; Jo 1,35-42), diversos textos evangélicos que contêm elementos catequético-batismais (Mt 22,35-40; Jo 1,29-34; Jo 3,1-6; Jo 3,16-21; Jo 4,5-14; Jo 7,37b-39a; Jo 9,1-7; Jo 15,1-11; Jo 19,31-35) e que apresentam o carinho de Jesus pelas crianças e a gratuidade da graça salvífica (Mc 10,13-16; Lc 10,17-24). Além disso, o rito apresenta salmos responsoriais relacionados ao sacramento do Batismo (Sl 8; 22(23); 26(27); 32(33); 33(34); 41; 62(63); 88(89); 125(126)) e opções de “aleluia” e versículo de aclamação ao evangelho. Observe-se que o rito não apresenta opções de versículo em substituição ao “aleluia”, afinal não se realiza o sacramento do Batismo, exceto em caso de extrema necessidade, ao longo do tempo quaresmal.

Após a proclamação da Palavra de Deus, haja breve homilia, na qual quem preside procura aprofundar o mistério do batismo à luz da Palavra de Deus, evidenciando a íntima relação entre a vida das pessoas



e as exortações do Senhor. O rito prevê, ainda, que pais e mães podem participar da homilia por meio de perguntas e de testemunhos, para que “a Palavra de Deus, acolhida na fé, conduza ao encontro sacramental com o Senhor” (RBC, 50). Após a homilia, pode haver alguns instantes de silêncio e um canto apropriado.

À homilia, segue-se a oração dos fiéis e a invocação dos santos, caso não seja cantada a ladainha durante a procissão até a fonte ou pia batismal. A oração dos fiéis na celebração batismal pede que o Senhor recorde das crianças que serão batizadas, de suas famílias, dos padrinhos e madrinhas, da comunidade, dos pastores e ministros, de todo o povo batizado, de todos os que se dedicam à missão evangelizadora e de todas as pessoas que promovem a justiça e a paz no mundo (RBC, 52). Existem formas alternativas para a oração dos fiéis nos parágrafos 390 e 391 do rito.

A oração dos fiéis é seguida por uma breve invocação dos santos (RBC, 54), recordando que, pelo Batismo, participa-se da comunhão dos santos e santas de Deus e se recebe a vocação cristã fundamental à santidade. Inclusive é esta a exortação do que preside quando há procissão para o batistério e se canta a ladainha: “Irmãos e irmãs na fé em Cristo: o batismo nos introduz na comunhão dos santos. Pela intercessão dos que nos precederam na fé, confiemos estas crianças, seus pais, padrinhos e todos nós à bondade de Deus, nosso Pai [...]” (RBC, 62). A segunda opção de exortação também esclarece esta realidade: “Irmãos e irmãs na fé em Cristo: muitas pessoas nos precederam no caminho do seguimento de Jesus e deram testemunho de vida cristã: são especialmente aqueles que veneramos como santos e santas de Deus, com os quais entramos em comunhão pelo batismo. Vamos agora invocá-los [...]” (RBC, 62). A oração dos fiéis e a invocação dos santos são concluídas pela oração de exorcismo, que introduz a unção com o óleo dos catecúmenos.

Aquele que preside, os pais, as mães, os padrinhos e as madrinhas impõem as mãos sobre a cabeça das crianças e fazem uma oração em silêncio. Este rito significa que o Batismo é libertação do pecado e das forças do mal (CaIC, 1237). As fórmulas de oração manifestam, com clareza, o significado deste rito:

1) Ó Pai, Senhor da vida, enviastes vosso Filho ao Mundo para nos libertar da escravidão do pecado e da morte. Lembrai-vos destas crianças que deverão enfrentar muitas vezes as tentações do mal. Libertai-as do poder das trevas. Dai-lhes a força de Cristo e a luz do vosso Espírito,



para que, livres do pecado original, vivam sempre como vossos filhos e filhas no seguimento de Jesus. Que vive e reina para sempre, na unidade do Espírito Santo.

2) Deus da vida e do amor, vós enviastes vosso Filho Jesus ao mundo para nos libertar do pecado e da morte. Afastai destas crianças todo mal e ajudai-as a combater o bom combate. Como templos vivos do Espírito Santo, manifestem as maravilhas do vosso amor. Por Cristo, nosso Senhor (RBC, 55).

A imposição das mãos e a oração invoca a libertação do mal, preparando a unção pré-batismal que pede a força, a sabedoria e as virtudes divinas para o combate da fé. Esta unção no peito e, conforme as condições, em todo o corpo simboliza a unção com a força necessária para o combate cristão. “Trata-se, portanto, de uma invocação do Espírito Santo para a renúncia ao mal e para a profissão de fé. É o Espírito da força, da coragem do atleta, do combatente, daquele que desce ao banho” (Beckhäuser, 1986, p. 80). Esta unção deve ser visível e em abundância, permite-se, inclusive, no Brasil (devido às condições climáticas e à possível deterioração do óleo), que o próprio presidente da celebração abençoe este óleo em quantidade expressiva dentro do próprio rito (RBC, 56). Sobre o óleo, reza-se uma oração de ação de graças (RBC, 58), que expressa, em grandes linhas, o sentido mistagógico deste rito: “[...] O Deus, proteção de vosso povo, que fizestes do óleo, vossa criatura, um sinal de fortaleza: (se o óleo não estiver bento e quem preside for sacerdote, diz: abençoai + este óleo e) concedei a estas crianças a força, a sabedoria e as virtudes divinas, para que sigam o caminho do Evangelho de Jesus [...]” (RBC, 58). A fórmula que antecede a unção de cada criança, manifesta, claramente, o sentido da unção: “O Cristo Salvador lhes dê sua força. Que ela penetre em suas vidas como este óleo em seus peitos” (RBC, 58). A unção é realizada em silêncio. Esta primeira unção recorda as unções dos soldados da antiguidade, ungidos para a batalha. São Cirilo de Jerusalém (2004, p. 33), em suas catequeses mistagógicas, expressa o significado desta unção:

Fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. Cortados da oliveira bravia, fostes enxertados na oliveira cultivada e vos tornastes participantes da abundância da verdadeira oliveira. O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo. Afugenta toda presença das forças adversas. Como a insuflação dos santos e a invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queima e expele



os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno.

O espaço litúrgico apropriado para todos estes ritos, para a Liturgia da Palavra do Sacramento do Batismo é o ambão, a mesa da Palavra. É dele que se anuncia à Igreja reunida a Palavra de Deus, como é expresso no Ritual de Bênção de Ambão:

Ó Deus, que vos dignais chamar os homens das trevas para a vossa luz admirável, é nosso dever dar-vos graças, porque nunca nos deixastes faltar o alimento da vossa Palavra, e continuamente nos esclareceis, reunidos no espaço desta igreja sobre as maravilhas da Escritura. Faizei, Senhor, que, neste lugar, ressoe em nossos ouvidos a voz do vosso Filho, a fim de que, seguindo fielmente as inspirações do Espírito Santo mereçamos ser não apenas ouvintes mas realizadores fervorosos. Que os arautos da vossa Palavra nos mostrem aqui o caminho da vida, por onde, seguindo o Cristo Senhor, possamos chegar à vida eterna (RB, 916).

Ressalte-se a importância da redescoberta promovida pela reforma litúrgica do ambão como espaço litúrgico de anúncio da Palavra de Deus, como mesa donde o Senhor alimenta seu povo com o pão da Palavra, pois “a dignidade da Palavra de Deus requer na Igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da Liturgia da Palavra” (IGMR, 309). O ambão é espaço mistagógico, não uma mera estante donde se proclamam os textos bíblicos. É lugar elevado, fixo e nobre (ILM, 32). Na tradição cristã, recorda o sepulcro vazio e o anúncio da ressurreição. Toda a segunda parte da celebração batismal se desenvolve em torno do ambão como mesa da Palavra de Deus, donde se anuncia a Palavra do Ressuscitado àqueles que participarão de sua Páscoa pelo Santo Batismo.

3 Liturgia Sacramental do Batismo

Aqui está o centro da celebração sacramental do Batismo: “parece claro que já desde o princípio o ritual do Batismo implica uma ‘bênção da água’, na consciência de que não é água natural a que purifica e santifica, mas o Espírito presente nela pela consagração” (Borobio, 2017, p. 146). Pertencem à liturgia sacramental do Batismo: a procissão para o batistério, a oração sobre a água, as promessas do batismo, o Batismo, os



ritos complementares (unção pós-batismal, veste batismal e rito da luz) e os ritos complementares opcionais (entrega do sal e éfeta).

Caso seja possível, realiza-se uma procissão para o batistério, enquanto se canta a ladainha dos santos ou um salmo apropriado. Caso contrário, omite-se a ladainha, que já foi dita, com brevidade, ao final da oração dos fiéis. Em seguida, invoca-se a bênção sobre a água batismal ou sobre a fonte batismal:

A não ser quando necessário, o sacerdote ou diácono não batize senão com água benta para esse fim. Se a consagração da água foi feita na Vigília Pascal, seja conservada, se possível para todo o Tempo Pascal e usada para afirmar mais fortemente a necessária relação com o mistério pascal. É de se desejar que, fora do tempo pascal, se benza água para cada batizado, para que, pelas palavras da consagração, se manifeste, de cada vez, com toda a clareza, o mistério da salvação, que a Igreja relembra e proclama. Se o batistério está construído para jorrar a água, seja abençoada a fonte jorrando água (RBC, p. 18).

A água para o Batismo pode ser trazida em procissão acompanhada de cantos e danças (RBC, 64). Após um convite presidencial à oração, o presidente recita a oração sobre a água, que faz parte da eucologia maior da Igreja e apresenta uma dimensão anamnético-epiclética (Peixoto, 1993, v. 14, p. 281), isto é, faz recordação das imagens prefigurativas do Batismo, recorda sua instituição e invoca o Espírito Santo sobre a água. Assim inicia a oração: “Ó Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis. Ao longo da história da salvação vós vos servistes da água para fazer-nos conhecer a graça do batismo” (RBC, 66). A seguir, a oração evoca a imagem do Espírito que pairava sobre as águas na criação, as águas do dilúvio e a passagem a pé enxuto pelo Mar Vermelho (RBC, 66). Estas imagens prefigurativas evocam a força do Espírito sobre as águas concedendo a elas a força de santificar, as águas como purificação no dilúvio e a libertação da escravidão fazendo nascer um povo renovado quando da páscoa judaica. A oração segue com a recordação do batismo de Jesus, o lado aberto de Cristo na cruz e a instituição e o mandato do sacramento do Batismo (RBC, 66). São estas imagens que devem inspirar a iconografia junto à fonte ou pia batismal ou capela do Batismo: “A pia batismal ou batistério, porém, pode ter uma decoração mais apropriada para significar as virtualidades do Batismo. Toda igreja paroquial deve ter sua pia batismal” (Hortal, 2000, p. 84).



Por fim, conclui-se a oração com a invocação epiclética do Espírito sobre a água batismal:

Olhai agora, ó Pai, a vossa Igreja e fazei brotar para ela a água do batismo. Que o Espírito Santo dê por esta água a graça de Cristo, a fim de que homem e mulher, criados à vossa imagem, sejam lavados da antiga culpa pelo batismo e renasçam pela água e pelo Espírito Santo para uma vida nova.

Quem preside toca na água ou mergulha o círio pascal, dizendo:

Nós vos pedimos, ó Pai, que por vosso Filho desça sobre esta água a força do Espírito Santo. E todos os que, pelo batismo, forem sepultados na morte com Cristo, ressuscitem com ele para a vida. Por Cristo, nosso Senhor. Amém. (RBC, 66).

A oração sobre a água é realizada de mãos postas, a fim de que aquele que preside possa tocar ou mergulhar o círio pascal no momento previsto na água. Este toque ou mergulho do círio pascal é símbolo do toque do ressuscitado que santifica a água batismal, é fecundação do útero da mãe Igreja que gera os filhos de Deus no batistério. O papa Francisco, na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, apresenta uma belíssima, profunda e comovente catequese a respeito da oração de bênção da água batismal:

A oração de bênção da água batismal nos revela que Deus criou a água precisamente em vista do Batismo. Isso significa que, enquanto Deus criava a água, Ele pensava no Batismo de cada um de nós e esse pensamento o acompanhou em sua ação ao longo da história da salvação todas as vezes que Ele, com um desígnio preciso, quis se servir da água. É como se, depois de criá-la, Ele quisesse aperfeiçoá-la para chegar a ser a água do Batismo. E assim Ele a quis cumular com o movimento do seu Espírito, que pairava sobre ela (cf. Gn 1,2), para que ela pudesse conter, em gérmen, o poder de santificar; Ele a usou para regenerar a humanidade no dilúvio (cf. Gn 6,1-9;29); Ele a dominou, separando-a para abrir uma estrada de libertação no Mar Vermelho (cf. Ex 14); Ele a consagrou no Jordão, nela submergindo a carne do Verbo, imbuída do Espírito (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). Por fim, Ele a misturou com o Sangue do seu Filho – dom do Espírito inseparavelmente unido ao dom da vida e da morte do Cordeiro imolado por nós – e, do lado transpassado, Ele a derramou sobre nós (Jo 19,34). Nessa água fomos submersos para que, pelo seu poder, pudéssemos ser enxertados no Corpo de Cristo e, com Ele, ressurgir para a vida imortal (cf. Rm 6,1-11) (DD, 13).



Há, ademais, uma fórmula de oração de bênção quando a água a ser utilizada já foi abençoada na Vigília Pascal (RBC, 67). Em seguida, pais e padrinhos são convidados por quem preside e renovam suas promessas batismais, renunciando ao mal e renovando a profissão de fé. A exortação esclarece que é necessário que pais e padrinhos renovem seus compromissos batismais assumindo a responsabilidade de educar seus filhos e afilhados na fé que professarão (RBC, 68-71).

Neste momento, acontece o sacramento do Batismo: “Cada família se aproxima da água batismal. Quem preside, citando o nome da criança, pergunta aos pais e padrinhos: Vocês querem que N. seja batizado(a) na fé da Igreja que acabamos de professar?” (RBC, 72). Após pais e padrinhos manifestarem seu assentimento, quem preside batiza a criança. Orienta o ritual quanto à forma do Batismo:

Convém que a água seja abundante, de modo que o batismo apareça como verdadeira passagem pela água ou banho. O batismo pode ser realizado das seguintes maneiras: 1) mergulhando a criança parcial ou totalmente na água; 2) derramando água sobre a cabeça da criança e deixando-a escorrer sobre todo o corpo; 3) derramando água somente sobre a cabeça (RBC, 73).

Observe-se que a veracidade do sinal exige a abundância da água e, quanto possível, o mergulho na fonte batismal demonstrando que o Batismo é verdadeira morte e ressurreição. É importante levar esta dimensão em consideração no projeto e na execução da fonte ou pia batismal. Afinal, nela nascem os cristãos, nela nasce toda a vida cristã, como explica Castellano (2008, p. 35):

O Batismo é colocado como realidade fundamental que caracteriza a vida cristã; como fonte e causa inicial da vida cristã: viver em razão do Batismo; como conteúdo essencial: viver a virtualidade do Batismo com toda a riqueza trinitária e com o triplice “múnus” do cristão: sacerdotal, profético e real; como causa exemplar, modelo do viver cristão, que é: viver sempre “à imagem” do Batismo recebido, em um dinamismo contínuo de morte-ressurreição. O Batismo e a Confirmação transformam-se, assim, nos sacramentos iniciais e iniciáticos da vida em Cristo e segundo o Espírito.

O sacramento acontece na fórmula trinitária: “N., eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (RBC, 74). Esta fórmula é essencial para a validade do sacramento. Ela é dita enquanto se mergulha



ou se derrama água sobre a criança três vezes. Observe-se a ausência do “amém” ao final da fórmula, que expressa que o Batismo é o início da vida cristã que só se plenificará no momento derradeiro, na hora da morte.

Convém que, se o número de crianças não for grande, estas palavras sejam ouvidas por toda a assembleia. Após o Batismo, a família acolhe o neobatizado com um sinal de afeição ou um beijo e a assembleia pode manifestar sua alegria com uma salva de palmas (RBC, 77). Pode-se, ainda, aspergir toda a assembleia enquanto se canta um canto, em recordação do batismo dos membros da comunidade (RBC, 78). Sobre a forma de batizar é importante recordar o testemunho de São Cirilo de Jerusalém (2004, p. 34):

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizestes a procissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isso, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. E assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira imersão, imitastes o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. [...] E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe.

Após o Batismo, acontecem os ritos complementares. Estes ritos não acrescentam ao sacramento realizado, mas manifestam aquilo que nele já aconteceu. São três ritos: unção com o Santo Crisma, vestição e entrega da luz. E dois opcionais: entrega do sal e *éfeta*.

A unção com o Crisma, que pode ser omitida devido o grande número de batizados, exprime que as crianças foram, pelo Batismo, ungidas pelo Espírito Santo e por Ele consagradas, tornando-se templos vivos de Deus: “A Unção quer, pois, significar que pelo Batismo nos tornamos participantes do poder messiânico de Cristo. Pelo Batismo nos tornamos, com Cristo, reis (rainhas), sacerdotes (sacerdotisas) e profetas (profetisas)” (Beckhäuser, 1986, p. 60). Diz, de fato, a segunda opção de exortação antes da unção com o Crisma: “Queridas crianças, que o Espírito Santo as consagre com este óleo, para que participem da missão do Cristo, sacerdote, profeta e rei. Agora que vocês fazem parte do povo de Deus, sigam os passos de Jesus e permaneçam nele para sempre” (RBC, 79). São Cirilo de Jerusalém atesta a antiguidade das unções nos ritos batismais e o seu significado mistagógico, ao pregar aos neófitos:



É necessário que saibais que há o símbolo desta unção na Escritura Antiga. E na verdade, quando Moisés comunicou ao irmão a ordem de Deus e o estabeleceu sumo sacerdote, depois de lavar-se com água, o ungiu e foi ele chamado Cristo, em virtude, evidentemente, da unção figurativa. Do mesmo modo, o sumo sacerdote, ao elevar Salomão à dignidade de rei, o ungiu, depois de lavar-se no Gion. Mas essas coisas lhes aconteceram em figura. A vós, porém, não em figura, mas, em verdade (Cirilo de Jerusalém, 2004, p. 40).

A unção com o Crisma é feita na cabeça de cada criança (no topo da cabeça), sem fazer o sinal da cruz (o que é próprio do sacramento da Confirmação) e em silêncio. Agora as crianças são revestidas com uma roupa branca ou de outra cor, conforme os costumes locais. Caso já estejam com sua veste batismal, faz-se uma alusão a ela. Este rito revela que, pelo Batismo, somos revestidos de Cristo (Beckhäuser, 1986, p. 61). A veste batismal é sinal da identidade cristã: “Porque foi revestido de Cristo no Rito Batismal, o neófito pode assumir a veste branca, símbolo de Jesus Cristo, do qual foi revestido” (Estudo 115 CNBB, 24). Esta veste acompanhará toda a vida do cristão. Diz a exortação no rito logo após a vestição das crianças: “N. N., vocês nasceram de novo e se revestiram do Cristo; por isso, trazem a veste batismal. Que seus pais e padrinhos os ajudem por sua palavra e exemplo a conservar a dignidade de filhos e filhas de Deus até a vida eterna” (RBC, 82).

Por fim, quem preside apresenta o círio pascal e o pai ou o padrinho acende uma vela nele. Pelo Batismo, os seres humanos são iluminados por Cristo. Esta vela acompanhará toda a vida cristã do neófito, de modo especial, nos sacramentos da iniciação cristã e, na hora derradeira, nas exéquias. A cada ano, na Vigília Pascal, uma vela será acesa recordando a vela batismal e o batismo será renovado solenemente.

Pelo Batismo somos iluminados; participamos da luz que é Cristo. Não mais andamos nas trevas, pois somos filhos de Deus. Tornamo-nos um com Cristo, luz que ilumina o caminho. A vela acesa pode significar também a nossa fé, pois enquanto esta permanecer acesa, não caminhamos nas trevas. A fé nos há de conduzir, mas ela terá que ser protegida e alimentada como a cera alimenta a chama. [...] Os pais se tornam responsáveis para que a criança também possa tornar-se luz para os outros em sua vida. Este é o sentido mais dinâmico da vela acesa. Pelo Batismo somos luz do mundo (Beckhäuser, 1986, p. 61).



Seguem-se dois ritos facultativos: a entrega do sal, que é colocado pela mãe na boca da criança, e o toque de quem preside nos ouvidos e na boca da criança a fim que possam, pela força do Senhor Jesus, logo ouvirem a Palavra de Deus e professarem a fé, louvando e glorificando a Deus (RBC, 86-87). Se houver, pode ser entregue algum sinal que represente a acolhida da criança na comunidade local.

Desta parte central do sacramento, quanto ao espaço litúrgico, ressalte-se a importância da pia ou fonte batismal ou da capela do Batismo. Inclusive, o Código de Direito Canônico estabelece que toda Igreja Paroquial deve tê-la (Cân. 858). É importante salientar ainda que:

O batistério, ou lugar onde a fonte batismal jorra água ou está colocada, seja destinada exclusivamente para o rito do batismo, um lugar digno, onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Quer esteja situado em alguma capela dentro ou fora do recinto da igreja, quer em alguma outra parte da igreja, à vista dos fiéis, deve ter tal amplitude, que possa conter o maior número possível de pessoas presentes. Encerrado o tempo da Páscoa, é conveniente conservar-se o círio pascal em lugar de honra dentro do batistério, de maneira que nele se possam com facilidade acender as velas dos batizados na celebração do batismo (RBC, p. 18).

Estes ritos se realizam todos neste espaço, por isso, este local deve comportar o rito sacramental, bem como o círio pascal e o santo óleo do Crisma. Este local manifesta a presença misteriosa de Cristo nos seus sacramentos e, por isso, também no sacramento do Batismo (SC, 7).

4 Ritos Finais da Celebração Batismal

Por fim, realiza-se, caso o espaço litúrgico permita, uma procissão até o altar, levando as velas acesas dos neófitos e cantando um cântico batismal (RBC, 89). Afinal, “[...] o batismo está inserido na iniciação cristã, que tem seu cume na eucaristia. Um povo sacerdotal é um povo eucarístico por excelência” (Costa, 2011, p. 42). Em torno do altar, todos recitam a oração do Pai nosso. A oração do Senhor recitada por todos, próxima ao altar, recorda duas realidades: a primeira, de que o neófito agora é filho de Deus; a segunda, que o Batismo, como aponta para a Crisma por meio da unção, aponta também para a primeira Comunhão Eucarística como plenitude da iniciação cristã:



De fato, no Batismo: [...] está implícita a presença da Eucaristia, porquanto a finalidade do Batismo é a Eucaristia: entra-se na Igreja para poder dar a Deus o culto perfeito que Cristo deu ao Pai. Além disso, entrando na Igreja, entra-se no corpo de Cristo, e por isso mesmo já se alcançou, de certo modo, aquela que é a realidade verdadeira da Eucaristia: criar o corpo de Cristo (Marsili, 2009, p. 174).

Assim diz a exortação de quem preside motivando à oração do Pai nosso: “Estas crianças que foram batizadas são chamadas, em Cristo, a viver plenamente como filhos e filhas de Deus Pai. Para isso, elas precisam também ser fortalecidas pelo Espírito Santo no sacramento da confirmação e alimentadas na Ceia do Senhor [...]” (RBC, 90).

Após a oração dominical, invoca-se a bênção sobre pais e padrinhos com ricas fórmulas rituais (n. 92 ou nn. 401-404). Pais e padrinhos podem, agora, abençoar seus filhos e afilhados. A primeira opção de fórmula tríplice de bênção invoca a graça de Deus sobre as mães, os pais e os padrinhos para que possam exercer a missão que lhes é confiada na vida das crianças recém-batizadas (RBC, 92).

Ressalte-se a importância do altar como mesa da Eucaristia e altar de sacrifício, plenitude da iniciação cristã: “O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia” (IGMR, 296).

Pode, ainda, acontecer um ato de devoção mariana, confiando à Bem-aventurada Virgem Maria a vida e a fé das crianças batizadas:

[...] Quem preside diz, com estas ou outras palavras:
Neste dia, em que estas crianças entram na Igreja pelo santo batismo, vamos confiá-las à especial proteção de Maria, Mãe de Deus e dos discípulos de Jesus.

Todos rezam em silêncio. Quem preside prossegue:
Maria, Mãe de Jesus, companheira de nossa caminhada, sempre fiel ao projeto do Pai, a nós confiamos estas crianças. Conduzidas pelo Espírito, sejam fiéis ao Evangelho, cresçam em sabedoria, idade e graça na Igreja e diante de Deus.

Todos: *Amém.* (RBC, 94).



Conclui-se com uma oração ou canto a Maria, afinal “[...] toda liturgia é essencialmente eclesial no perfil mariano da Igreja, que ao celebrar os mistérios, se apropria das mesmas atitudes de Maria [...] na escuta da Palavra, na oração, na oblação, na santificação” (Castellano, 2008, p. 122). Este ato devocional pode ser realizado em outra ocasião, numa festa mariana ou em um santuário especialmente dedicado a Virgem Maria. O rito é concluído por uma exortação do presidente ao abraço da paz e pela despedida: “Vão em paz e o Senhor os acompanhe. *Todos: Graças a Deus*” (RBC, 97).

Os ritos finais acontecem em torno ao altar e, também, próximo a uma imagem de Maria. Quanto ao espaço celebrativo, ressalte-se que estes ritos pressupõem que haja a possibilidade de uma procissão desde o batistério até o altar e que o presbitério seja amplo o suficiente para acolher estes ritos. Isto deve ser levado em consideração no projeto arquitetônico e na sua execução.

Conclusão

Neste artigo, procurou-se realizar uma leitura mistagógica do Ritual do Batismo de crianças e do seu espaço litúrgico. Mergulhar no Ritual do Batismo é imergir na profundidade deste sacramento que está no início da vida cristã, é compreendê-lo para além da doutrina, afinal:

Por ser a liturgia uma realidade de vida, não podemos nos aproximar dela como de um objeto que tem de ser explicado, como se fosse um elemento isolável e depois analisável. Também não é suficiente uma pesquisa histórica carente da paixão hermenêutica. O único método é o de reviver a experiência e, ao revivê-la, deixá-la falar. Portanto, para captar o sentido verdadeiro da liturgia, o único método é realizar o mesmo ato, isto é, reviver o que se realiza na ação litúrgica e deixar falar o que no ser humano se vê, que corresponde ao que se realiza; o método é uma tarefa vital. A liturgia é mestra. Introduz plenamente na verdade, mediante a oração; mais ainda, ela mesma não é mais do que o dogma orado, “a verdade revivida orando” (Flores, 2006, p. 133-134).

Daí que uma aproximação fenomenológica do ritual do Batismo, como aqui se realizou, permite uma visão renovada e atual deste Sacramento, redescobrimo as riquezas mistagógicas de cada rito, bem como a



dinamicidade litúrgica expressa nos diferentes polos celebrativos: porta, ambão, pia ou fonte batismal e altar. Este exercício mistagógico permite superar toda forma de ritualismo e reducionismo sacramental, convidando a redescobrir e a reestabelecer pastoralmente e teologicamente a unidade *lex orandi-lex credendi*.

Referências

- BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar a vida*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOROBIO, Dionisio. *História e Teologia comparada dos Sacramentos: o princípio da analogia sacramental*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Loyola: Ave-Maria, 2017.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. 2. ed. Tradução: Monjas Descalças do Mosteiro Santa Tereza de São Paulo. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO da Igreja Católica: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Paulus: Ave-Maria, 1999. n. 1116.
- CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. *A arte de celebrar: guia pastoral*. 2. ed. Tradução de Maria Elisa Stracquadanio e Hugo C. da S. Cavalcante. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Tradução de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2008.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para adequação, restauração e conservação das igrejas*. Estudo 113 CNBB. Brasília: CNBB, 2021.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *As vestes litúrgicas*. Estudo 115 CNBB. Brasília: CNBB, 2021.



COSTA, Valeriano dos Santos. Sacerdócio real: dom de Deus para constituir um povo sacerdotal. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 75, p. 27-43, jul./set. 2011.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. Tradução: Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.

GUARDINI, Romano. *Los signos sagrados*. 2. ed. Barcelona: Editorial Litúrgica Española, 1965.

GUARDINI, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Tradução: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1942.

HORTAL, Jesús. *Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LELO, Antonio Francisco. *A Iniciação Cristã*: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

MARSILI, Salvatore. *Sinais do Mistério de Cristo*: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. Tradução: José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTIMORT, Aimé-Georges. *A Igreja em Oração*: Introdução à Liturgia. Barcelos: Edições Ora et Labora, 1965.

MARTIN, Julián López. *A Liturgia da Igreja*: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica*: teoria e prática da teologia. Tradução: Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério e Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

PEIXOTO, João da Silva. O Missal Romano e sua riqueza eucológica. In: *Revista Humanística e Teologia*, Portugal, v. 14, 1993, p. 277-303. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/24580/1/O%20missal%20romano%20e%20a%20sua%20riqueza%20eucol%C3%B3gica.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

RITUAL do Batismo de crianças. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1999. (Sigla: RBC).



RITUAL de Bênçãos. Restaurado por decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pela autoridade de João Paulo II. São Paulo: Paulus, 1990. (Sigla: RB).

VALENTINI NETO, Antonio. *Liturgia: fonte vital da comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.